

**A PRÁTICA DA LEITURA EM SALA DE AULA E O PAPEL DO PROFESSOR  
COMO UM AGENTE LETRADOR**

**Maria Expedita Fontenele ALVES**  
**Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS)**

**Hermínia Silva de SOUZA**  
**Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS)**

**Tatiane Castro dos SANTOS**  
**Universidade Federal do Acre (UFAC)**

**RESUMO**

Por vivermos em uma sociedade grafocêntrica, a leitura torna-se uma das habilidades mais importantes a ser desenvolvida pelo ser humano. É por meio dela que o aluno tem acesso à compreensão do seu mundo e a tudo o que está inserido nele. Aliás, pode-se dizer que a leitura é a ponte, o suporte para a compreensão das outras áreas do conhecimento. É de comum acordo entre professores de diversas disciplinas o reconhecimento da inabilidade de muitos alunos diante do desafio de compreender textos, tendo em vista que esses alunos não desenvolveram adequadamente suas habilidades leitoras. Constata-se que a falta dessas habilidades propicia o fracasso diante das avaliações, sejam elas internas ou externas, como, por exemplo, o programa PISA (Project for International Student Assessment), programa internacional de avaliação comparada. Conhecendo essa realidade, buscamos, neste estudo, refletir sobre o ensino da leitura como prática de letramento e o papel do professor como um mediador no processo de desenvolvimento das habilidades leitoras de seus alunos. Em primeiro lugar, abordaremos questões como: o que é ler e o papel do professor como um agente letrador. E para isso, o trabalho está fundamentado em autores como: Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010), Kleiman (2012), Bortoni-Ricardo (2013). Em seguida apresentamos um projeto de ensino de leitura, organizado em uma sequência didática, voltado para o 6º Ano do Ensino Fundamental. As atividades propostas foram desenvolvidas com base em quatro descritores da Matriz de Referência da disciplina Língua Portuguesa: D1, D3, D4, D6, que privilegiam habilidades específicas a serem

desenvolvidas nos alunos no que se refere à leitura. Enfatiza-se, nesta proposta, a mediação do professor ao longo de todas as atividades de leitura realizadas. Espera-se que as reflexões teóricas e a proposta metodológica aqui apresentada possam oferecer subsídios para a prática pedagógica do professor de língua portuguesa, no que se refere à elaboração de estratégias pedagógicas para o ensino da leitura e da escrita e, conseqüentemente, com o desenvolvimento dos níveis de letramento dos alunos.

**Palavras-chave:** Leitura; Letramento; Mediação

## **READING PRACTICE IN THE CLASSROOM AND THE TEACHER 'S ROLE AS AN AGENT LETRADOR**

### **ABSTRACT**

Because we live in a society focused in the writing, reading becomes one of the most important skills to be developed by humans. It is through it that the student has access to an understanding of their world and everything that is built into it. However, it can be said that the reading is the bridge, the support for the understanding of other fields of knowledge. It is agreed between teachers of different subjects, the inability that many students face which is the challenge of understanding texts, given that these students didn't develop properly their reading skills. It seems that the lack of these skills provides the failure on the evaluations, whether internal or external, for example, PISA (Project for International Student Assessment). Knowing this reality, we seek in this article, reflect on the teaching process and reading as a practice of literacy and the teacher's role as a mediator in the development process of the readers abilities of their students. First, we will answer questions such as: what is reading and what is the teacher's role as a reading agent. And for that, the work is based on authors such as: Bortoni-Ricardo Machado and Castanheira (2010), Kleiman (2012), Bortoni-Ricardo (2013). Then we present a reading educational project organized in a didactic sequence, facing the 6th year of an elementary school. The activities proposed were developed based on four descriptors of the subject of Portuguese Language Reference Matrix: D1, D3, D4, D6, which favor specific skills to be developed in students in relation to reading. It

emphasizes, in this proposal, the mediation of the teacher over all reading activities. It is expected that the theoretical reflections and methodological proposal presented here may provide insight to the pedagogical practice of the Portuguese teacher, with regard to the development of teaching strategies for reading and writing teaching and, consequently, with the development the literacy students level.

**KEYWORDS: Reading; Literacy; Mediation**

### 1. Considerações Iniciais

A leitura é um ato social que tem o poder de transformar o indivíduo e a comunidade na qual ele está inserido, é através da leitura que o sujeito assume o seu papel de cidadão na sociedade e participa de forma ativa dentro dela. Sendo assim, a escola assume uma missão importante bem como o professor no papel de mediador no desenvolvimento da compreensão leitora de seu educando.

Entretanto, tornou-se trivial deparar-se com alunos que chegam ao Ensino Médio com deficiência acentuada em leitura, os quais apresentam níveis abaixo do rendimento esperado em avaliações que envolvem habilidade leitora. Também temos acompanhado os resultados no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) divulgado no Relatório Anual, no qual se observa que o Brasil atingiu 410 pontos, ou seja, dois pontos a menos do que sua pontuação na edição de 2009, conforme quadro abaixo:

Quadro comparativo dos resultados do Brasil no PISA desde 2000.

	Pisa 2000	Pisa 2003	Pisa 2006	Pisa 2009	Pisa 2012
Número de alunos participantes	4.893	4.452	9.295	20.127	18.589
Leitura	396	403	393	412	410
Matemática	334	356	370	386	391
Ciências	375	390	390	405	405

Fonte: <http://portal.inep.gov.br/internacional-novo-pisa-resultados>

Nesse programa são avaliadas três áreas de conhecimento: Ciências, Matemática e Leitura, sendo que a cada edição trienal uma área de conhecimento é mais focalizada. Uma novidade no ano de 2012 foi a definição de letramento em leitura, que configura “[...] a capacidade de compreender, utilizar, refletir e envolver-se *com textos escritos, com a função de alcançar uma meta, desenvolver seu conhecimento e seu potencial, e participar da sociedade* (OECD, 2013). Esse letramento em leitura inclui, também, um conjunto de

competências, inclusive as metacognitivas, uma vez que o aluno adquire esse conjunto de competências o mesmo torna-se capaz de compreender o seu mundo e não apenas compreender um texto, dessa forma ele passa a atuar ativamente em sua comunidade a partir de suas próprias ideias e experiências.

Essa definição de letramento aproxima-se das orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentadas já no ano de 1998 quanto ao ensino da leitura na escola. Tais orientações sugerem que a leitura deve ser objeto de ensino e aprendizagem, as atividades relacionadas a esse ensino devem contemplar a diversidade de textos, com os quais os alunos se defrontam. Outra orientação é não limitar os textos apenas aos encontrados no livro didático, pelo contrário o PCN (1998, p.42) sugere que “[...] a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática da leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes”.

A busca pela formação de leitores competentes deve ser constante na escola, não apenas por professores de língua portuguesa, mas por todos os professores das demais disciplinas, pois a situação alarmante reflete, obviamente, toda forma de linguagem impressa ou digital: mapas, tabelas, pinturas, filmes e outros suportes. Kleiman (2004, p.07) destaca que: “Alarmam-se os professores de Ciências, História e Geografia pelo fato de seus alunos não lerem, e, no entanto, nada fazem para remediar essa situação [...]”. O que se verifica na prática, normalmente, é que apenas o professor de língua materna fica inteiramente responsabilizado pelo sucesso ou fracasso do aluno na leitura. A autora Bortoni-Ricardo endossa, ainda, que a atividade de leitura deveria ser trabalhada por profissionais de todas as áreas, uma vez que ela defende a concepção de que “todo professor deve ser professor de leitura, visto que ler faz parte da aprendizagem, devendo por isso, fazer parte de todas as atividades”. (BORTONI-RICARDO 2010, p. 51,52). Nesse ponto convém rever a forma pela qual a leitura foi concebida por um determinado tempo e como hoje é vista, e qual concepção se apresenta de forma mais satisfatória a ser trabalhada na escola.

## **2. O que é ler**

Na segunda metade do século XX a leitura era vista de forma bem simplificada, ou seja, a leitura era concebida apenas como “...um processo perceptual e associativo de decodificação de grafemas (escrita) em fonemas (fala), para se acessar o significado do texto”. (ROJO 2009, p.75,76). Contudo ler é muito mais que a codificação/decodificação de signos,

por isso deve ser uma prática integrada em todas as demais disciplinas e por todos os professores, ela deve ser contextualizada e não isolada, pois Freire (2003, p.11) salienta que: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Nessa perspectiva, o leitor ativa os conhecimentos que ele tem de mundo antes, e depois passa a relacioná-los com os conhecimentos utilizados pelo autor do texto. No estágio inicial da prática de leitura, o que se valorizou em um passado recente foi apenas a habilidade de conversão de letras em sons, gerando leitores capazes de decodificar qualquer texto sem, contudo compreender o que liam. Durante décadas desenvolveu-se na escola essa concepção equivocada sobre a leitura. Essas práticas ultrapassadas dentro da escola são heranças vigentes que se perpetuaram por muitos anos. Colomer e Camps (2002, p. 30) ressaltam que:

O distanciamento dessas práticas educativas de qualquer busca do significado não se baseiam, naturalmente, em perversidade intrínseca da escola, mas são conseqüências de uma concepção leitora que permaneceu vigente durante séculos, até que os avanços teóricos nesse campo, nas últimas décadas a puseram em questão.

Os PCN ressaltam ainda que todo o conhecimento disponível sobre o processo de leitura não deixa mais espaço para a escola trabalhar a leitura apenas através da decodificação. Rojo (2009, p.75) salienta que a leitura envolve: “[...] diversos procedimentos e capacidades (perceptuais, motoras, cognitivas, afetivas, sociais, discursivas, linguísticas), todas dependentes da situação e das finalidades de leitura [...]”. Tais procedimentos ajudam a marcar o início do processo leitor.

Para Colomer & Camps (2002), o processo leitor tem sido visto de duas formas, através do processo ascendente e do processo descendente. A concepção tradicional segue um modelo de processamento ascendente, no qual o sujeito é conduzido a fixar-se nos níveis inferiores do texto, observando os sinais gráficos, as palavras a fim de tentar chegar a um nível superior e, por fim, a uma compreensão global do texto. Tal modelo inibe o sujeito a acionar os mecanismos mentais pelos quais ele poderá inferir interpretações utilizando sua leitura de mundo.

No modelo de processamento descendente, o leitor poderá ter uma compreensão muito mais ampla do texto, pois esse modelo parte da mente do leitor, da compreensão do seu mundo, da sua organização mental ao texto. É importante que os dois modelos de processamento estejam interligados, pois segundo Colomer&Camps (2002, p.31) “o que o leitor vê no texto e o que ele mesmo traz são dois subprocessos simultâneos e em estrita

interdependência. Essa visão do processo constitui o que se chama de “modelos interativos de leitura”.

Ler não é apenas decifrar um código nem atribuir significado ao escrito, ler vai muito mais além. Para Foucambert (1994, p. 05)

ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.

Nessa perspectiva de estimular a leitura de forma aprofundada, é fundamental o papel da escola promovendo e desenvolvendo atividades de leitura que possibilitem práticas adequadas para a formação de leitores. Assim sendo, torna-se mais produtivo eliminar práticas superficiais e empobrecedoras, fundamentadas em uma concepção formalista e mecânica, como afirma Martins (1994, p.23) “Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume à decoreba de signos lingüísticos [...]”.

Kleiman (2013) apresenta pelo menos três concepções de leitura que, segundo a autora, são dispensáveis: A leitura como decodificação; A leitura como avaliação e a leitura autoritária. Na primeira concepção não ocorre contribuição para a visão de mundo do aluno, na segunda o aluno preocupa-se com alguns aspectos como pronúncia, pontuação, visto que a avaliação é a leitura em voz alta. Já na terceira, pressupõe-se que há apenas uma maneira de abordar o texto. É preciso investir em práticas que estimulem o interesse do aluno pela leitura. Nesse caso, o professor é peça fundamental para mediar essa aprendizagem.

### **3. Ensino da leitura: o professor como um agente letrado**

É na escola que o aluno tem a possibilidade de desenvolver sua habilidade leitora, sendo assim torna-se salutar estimular ações que priorizem o ensino da leitura em sala de aula e, nesse sentido, o professor tem um papel importante como um agente mediador.

Concordamos com Kleiman (2013) quando apresenta uma alternativa para a atividade de leitura, quando a autora propõe que o professor seja “mediador entre o aluno e o autor”, visto que na maioria dos casos o aluno não apresenta muita familiaridade com o texto e o professor, como leitor experiente, poderá conduzir seu aprendiz através de “estratégias específicas de leitura, fazendo predições, perguntas, comentários”. (KLEIMAN 2013, p. 40).

Não há como negar as dificuldades que o professor enfrenta ao trabalhar com atividades de leitura, especialmente na sala de aula com um conjunto de alunos ao mesmo

tempo. Contudo, comungamos da mesma posição da autora Bortoni-Ricardo (2010, p. 26) quando apresenta “evidências de que um bom trabalho pedagógico de andaimagem, na mediação da leitura, pode surtir efeitos muito positivos”. No conceito de andaimagem percebe-se a importância do trabalho do professor, pois esse conceito “...se refere a um auxílio visível ou audível que um membro mais experiente de uma cultura pode dar a um aprendiz” (BORTONI-RICARDO 2010, p. 26).

Após refletir sobre a necessidade de um trabalho de mediação nas atividades de leitura torna-se necessário considerar também qual o objetivo desse trabalho, pois o mesmo, em alguns casos, limita-se a obter bons resultados em avaliações externas, tais como: Exame de Ensino Médio (ENEM), Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA). Os resultados dessas avaliações são importantes, contudo não podem se sobrepor ao objetivo que consideramos essencial: a atividade de leitura como prática social.

Considerar a leitura como prática social implica dizer que “...colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa socialização primária, isto, é, o grupo social em que fomos criados”. (KLEIMAN 2013 p. 13). O desenvolvimento de tal prática contribui para o educando desenvolver sua compreensão leitora concomitantemente com sua compreensão de mundo. Tal afirmação revela a importância de considerar o contexto social do aluno, sendo assim, a escola precisa repensar qual o seu principal objetivo. Rojo (2009, p.107) afirma que “Um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das **várias** práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, **de maneira ética, crítica e democrática**”.

É na escola o espaço ideal para desenvolvimento de práticas sociais de leitura, por isso convém mobilizar ações pedagógicas cuja finalidade contemple atividades que privilegiem não apenas a fluência na soletração, pronúncia e velocidade, mas, sobretudo, as estratégias de compreensão leitora do aluno. A escola precisa, portanto, promover ações pedagógicas com esse fim e ao professor convém o estímulo e a orientação, a fim de que o aluno possa se tornar um leitor ávido, pois segundo Bravin (2012, p.78) “À medida que o indivíduo alcança um grau de letramento mais avançado, aumenta seu conhecimento linguístico, levando-o a optar por uma ou outra variante, a depender da sua necessidade discursiva”, tornando-o cada vez mais competente e autônomo na leitura.

Como mediador, o professor deve construir meios e formas para estabelecer interação básica com o aluno, para que o mesmo atinja níveis desejáveis de compreensão na leitura. Contudo, muitos professores têm negligenciado esse trabalho, tal negligência nas aulas de leitura tem deixado a educação brasileira numa situação constrangedora. Bortoni-Ricardo e Machado (2013, p. 64) afirmam que “a negligência dos professores na mediação durante as atividades de leitura é uma atitude corrente nas escolas de nosso país”.

Para as referidas autoras, o professor no papel de agente mediador deve estimular a prática da leitura em sala de aula, selecionar obras literárias, de preferência que sejam aceitas pelos alunos, bem recepcionados pelos pais e avaliadas por especialistas, considerando as particularidades de cada educando, sem esquecer que o próprio professor deve ser um bom leitor para depois estimular o seu público. Segundo Kleiman (2013) o professor deve ter paixão e prazer pela leitura.

A fim de buscar estratégias que auxiliem o trabalho do professor nas aulas de leitura, a autoras Bortoni-Ricardo, Machado, Castanheira (2010, p. 26) sugerem propostas de trabalho com andaime ou andaimagem. Segundo as autoras,

Andaime é um conceito metafórico que se refere a um auxílio visível ou audível que um membro mais experientes de uma cultura pode dar a um aprendiz. O trabalho de andaimagem é mais frequentemente analisado como uma estratégia instrucional no domínio da escola, mas, de fato pode ocorrer em qualquer ambiente social onde tenham lugar processo de socialização.

Desse modo, o trabalho com as práticas de leitura é desenvolvido levando em consideração o conhecimento prévio do aluno, sendo mediado pelo professor. De acordo com as referidas autoras, há “evidências de que um bom trabalho pedagógico de andaimagem na mediação da leitura pode surtir efeitos muito positivos” (p.26).

Observa-se também que os andaimes podem ser construídos na interação professor/aluno ou alunos/alunos. Finalmente, é preciso ressaltar que uma característica básica do processo de andaimes é o estabelecimento de uma atmosfera positiva entre professor e alunos por meio de ações simples como a de ouvirem e se ratificarem mutuamente. (BORTONI-RICARDO, MACHADO, CASTANHEIRA, 2010, P. 27).

Outro fator importante é submeter às práticas de leitura utilizadas em sala de aula a uma revisão metodológica, visando contribuir para a formação de cidadão crítico e atuante em sua comunidade. Assim, considerando essas reflexões, neste trabalho é apresentada uma

proposta através de uma sequência didática, cujo objetivo é fomentar a atividade de leitura como prática social.

#### **4. Proposta de atividade para o desenvolvimento do trabalho com leitura.**

As sequências didáticas são ferramentas importantes para o desenvolvimento das habilidades de leitura, pois, proporcionam o trabalho com atividades ligadas entre si que permitem ao professor alcançar os objetivos de aprendizagem de seus alunos.

De acordo com Schneuwly, Dolz et al (2004, p. 82) “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

Segundo os autores, o trabalho com os gêneros possibilita a produção de um projeto didático metodológico de ensino que considera os obstáculos típicos da aprendizagem e as novas etapas pelas quais os alunos possam passar o que fornecerá aos professores orientações de como e o que trabalhar, de acordo com restrições, níveis e situações concretas de ensino. Por isso, adotar os gêneros como instrumentos para o trabalho se torna tão importante.

Com intuito de contribuir com a diminuição de problemas relacionados à aquisição da habilidade de leitura, elaboramos um projeto de intervenção pedagógica que prioriza a sequência didática do gênero textual **relato pessoal**, por levar em consideração que esse é um gênero que faz parte do dia-a-dia dos estudantes, sendo, portanto, de suma importância no processo de interação social do indivíduo.

Para a realização desse trabalho, foi feito o planejamento de todas as atividades que serão realizadas durante as oficinas e etapas do projeto, que tem como objetivo principal desenvolver a competência leitora dos alunos através de uma sequência didática de gênero.

Desse modo, desde o início das atividades os estudantes participarão das seguintes atividades de leitura, produção oral e escrita.

- a) Roda de conversa sobre relato pessoal vivenciado pelos alunos.
- b) Roda de leitura de vários relatos pessoais de autores diversos.
- c) Produção escrita de uma experiência marcante na vida dos alunos.
- d) Leitura de uma experiência marcante na vida dos alunos.
- e) Produção escrita e leitura dos primeiros anos de escolarização.
- f) Produção dos livros dos principais relatos vivenciada pelos alunos.

Nas atividades propostas para a roda de leitura, os primeiros textos serão lidos e comentados pelos alunos com a mediação do professor. Para fechar as apresentações serão

feitos a leitura e os comentários pelo professor, com a participação dos alunos, do texto “minha primeira professora” de Paulo Freire

### **Minha primeira professora**

A primeira presença em meu aprendizado escolar que me causou impacto, e causa até hoje, foi uma jovem professorinha. É claro que eu uso esse termo, professorinha, com muito afeto. Chamava-se Eunice Vasconcelos (1909-1977), e foi com ela que eu aprendi a fazer o que ela chamava de "sentenças".

Eu já sabia ler e escrever quando cheguei à escolinha particular de Eunice, aos 6 anos. Era, portanto, a década de 20. Eu havia sido alfabetizado em casa, por minha mãe e meu pai, durante uma infância marcada por dificuldades financeiras, mas também por muita harmonia familiar. Minha alfabetização não me foi nada enfadonha, porque partiu de palavras e frases ligadas à minha experiência, escritas com gravetos no chão de terra do quintal.

Não houve ruptura alguma entre o novo mundo que era a escolinha de Eunice e o mundo das minhas primeiras experiências - o de minha velha casa do Recife, onde nasci, com suas salas, seu terraço, seu quintal cheio de árvores frondosas. A minha alegria de viver, que me marca até hoje, se transferia de casa para a escola, ainda que cada uma tivesse suas características especiais. Isso porque a escola de Eunice não me amedrontava, não tolhia minha curiosidade.

Quando Eunice me ensinou era uma meninota, uma jovencinha de seus 16, 17 anos. Sem que eu ainda percebesse, ela me fez o primeiro chamamento com relação a uma indiscutível amorosidade que eu tenho hoje, e desde há muito tempo, pelos problemas da linguagem e particularmente os da linguagem brasileira, a chamada língua portuguesa no Brasil. Ela com certeza não me disse, mas é como se tivesse dito a mim, ainda criança pequena: "Paulo, repara bem como é bonita a maneira que a gente tem de falar!..." É como se ela me tivesse chamado.

Eu me entregava com prazer à tarefa de "formar sentenças". Era assim que ela costumava dizer. Eunice me pedia que colocasse numa folha de papel tantas palavras quantas eu conhecesse. Eu ia dando forma às sentenças com essas palavras que eu escolhia e escrevia. Então, Eunice debatia comigo o sentido, a significação de cada uma. Fui criando naturalmente uma intimidade e um gosto com as ocorrências da língua - os verbos, seus modos, seus tempos... A professorinha só intervinha quando eu me via em dificuldade, mas nunca teve a preocupação de me fazer decorar regras gramaticais.

Mais tarde ficamos amigos. Mantive um contato próximo com ela, sua família, sua irmã Débora, até o golpe de 1964. Eu fui para o exílio e, de lá, me correspondia com Eunice. Tenho impressão de que durante dois anos ou três mandei cartas para ela. Eunice ficava muito contente.

Não se casou. Talvez isso tenha alguma relação com a abnegação, a amorosidade que a gente tem pela docência. E talvez ela tenha agido um pouco como eu: ao fazer a docência o meio da minha vida, eu termino transformando a docência no fim da minha vida.

Eunice foi professora do Estado, se aposentou, levou uma vida bem normal. Depois morreu, em 1977, eu ainda no exílio. Hoje, a presença dela são saudades, são lembranças vivas. Me faz até lembrar daquela música antiga, do Ataulfo Alves: "Ai, que saudade da professorinha, que me ensinou o bê-á-bá".

(Paulo Freire, publicado pela Revista *Nova Escola* em dezembro de 1994).  
Fonte: [http://www.genealogiafreire.com.br/bio\\_paulo\\_reglus\\_neves\\_freire.htm](http://www.genealogiafreire.com.br/bio_paulo_reglus_neves_freire.htm)  
Acesso em 27/10/2014

Durante a realização de cada etapa do projeto é necessário o acompanhamento das atividades, etapas importantes de desenvolvimento dos alunos como compreensão dos textos, revisão gramatical, adequação ao gênero, tipo de discurso, linguagem e práticas de oralidade serão trabalhadas e revisadas.

Para finalizar o trabalho sugere-se uma oficina de exposição dos livros de relatos pessoais, cartazes e outros suportes de textos produzidos pelos alunos durante as etapas do projeto. Para a realização dessa atividade conta-se com o apoio da gestão, equipe pedagógica e professores das diversas disciplinas, levando em consideração o que propõem Bortoni-Ricardo, Machado e Castanheira (2010, p. 51-52)

A proposta de leitura tutorial baseia-se no fato de que a leitura é uma atividade interdisciplinar, uma vez que é por meio dela que se tem acesso aos conhecimentos de todas as áreas do saber. Sendo assim, para obter sucesso na aprendizagem de qualquer conteúdo, é necessário, necessário é desenvolver habilidades para ler os textos específicos a ele relacionados. Por isso a leitura deve ser trabalhada por profissionais de todas as áreas, principalmente se consideramos a necessidade de serem desenvolvidas estratégias específicas para a leitura de textos que abordam conteúdos específicos.

Assim sendo, o trabalho com a leitura e produção de textos é necessário para que o aluno adentre no mundo do conhecimento, é preciso saber ler e escrever para estudar os conteúdos de todas as disciplinas. A disciplina de Língua portuguesa é fundamental nessa aprendizagem e o ensino através dos gêneros textuais é apropriado por ser através deles que acontecem os atos de comunicação.

### **Considerações finais**

Pelo exposto, vimos que é fundamental no ambiente pedagógico um espaço destinado ao desenvolvimento de atividades com leitura, permitindo ao educando contato com textos diversificados que possam contribuir para a aprendizagem do aluno. Outro fator importante no trabalho com a leitura é justamente o papel do professor como agente letrador, ele como leitor mais experiente capaz de conduzir o leitor aprendiz a aprender a desfrutar do prazer de ler. Sob essa perspectiva, esperamos que a proposta metodológica possa contribuir de alguma maneira para a ampliação do trabalho com leitura na escola. E em consonância com as orientações do conceito proposto sobre andaimagem e leitura tutorial, a proposta tem a preocupação de que o leitor aprendiz adentre no mundo da leitura e possa participar como cidadão crítico em sua comunidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAVIN, Marina Angela; PALOMANES, Roza (org.). *Práticas de ensino do português*. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTANHEIRA, Flôres Salete; MACHADO, Ribeiro Veruska; RICARDO, Bortoni Maris Stella. *Formação do professor como agente letrador*. São Paulo Contexto, 2010.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 44ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura, teoria & prática*. Campinas: Pontes, 2013.

MACHADO, Ribeiro Veruska; RICARDO, Bortoni Maris Stella (org.) . *Os doze trabalhos de Hércules*. São Paulo: Parábola, 2013.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.